

MITO E MITOLOGIA NAS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO

**Robson Stigar*

INTRODUÇÃO

Apresento neste texto alguns referencias básicos sobre os conceitos de Mito e Mitologia que pude aprender nos seminários do grupo de pesquisa Pos-Religare do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Esses referencias podem ser utilizados tranqüilamente como subsídios tanto para a formação de professores de Ensino Religioso quanto também pode ser utilizados nas próprias aulas de Ensino Religioso.

O QUE É MITO?

A palavra *mito* procede do grego *mythos*, que é uma palavra ligada ao verbo *mythevo*, que tem o seguinte sentido “crio uma história imaginária”. Mito, então, é uma criação imaginária, que se refere a uma crença, a uma tradição ou a um acontecimento. Mito também é uma história imaginária ou alegórica, falada ou escrita em obra literária que encerra um fundo moral. Predominantemente, quando falamos de mitos, entendemos as lendas que se referem aos pensamentos profundos, aos desejos e às aspirações de um povo. O termo grego *mythos* indica uma história fantástica, de origem anônima e coletiva, inventada para tentar explicar fenômenos naturais ou comportamentos humanos, anteriormente ao avanço da filosofia e das ciências. Os mitos geralmente expressam a mentalidade humana de cada época. Essa conceituação pode ser utilizada pelo professor de Ensino Religioso como uma apresentação do que vem a ser um mito.

De acordo com Mircea Eliade¹, o mito é sempre a narrativa de como uma realidade passou a existir.

* Licenciado em Ciências Religiosas; Licenciado em Filosofia; Bacharel em Teologia; Aperfeiçoamento em Sociologia Política; Especialização em História do Brasil; Especialização em Ensino Religioso; Especialização em Psicopedagogia; Especialização em Educação, Tecnologia e Sociedade; Especialização em Catequética; MBA em Gestão Educacional; Mestrando em Ciências da Religião. Professor de Filosofia e Ensino Religioso na rede publica estadual de ensino do estado do Paraná

¹ Mircea Eliade (1907-1986), filósofo com estudos e reflexões sobre mitos e símbolos.

"... o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento; uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. (Mircea Eliade, 1986, 2ª. Edição, p.11).

O mito é uma história imaginária, uma lenda que expressa o pensamento profundo, a concepção, o desejo, a consolação e a aspiração do homem em sua época e em seu espaço. Por isso, os mitos são expressões geniais do espírito humano sobre sua concepção a respeito dos fenômenos físicos e espirituais de seu ambiente e dentro de sua sociedade. Ainda, o mito é um fenômeno da cultura humana e, portanto, está presente em todas as sociedades espalhadas pelo mundo: arcaicas, primitivas, tradicionais e aquelas cuja presença na história foi muito importante.

O mito tem uma função religiosa e ao mesmo tempo poética. As duas combinam-se para permitir o acesso do homem ao divino e, ao mesmo tempo, do homem a si próprio, isto é, para refletir-se e contemplar-se. A forma poética não é alheia à carga ética que veicula. O mito atua eticamente sobre a existência humana pela sua força poética. O mito *torna possível* o humano, e o faz poeticamente. Contemplar formas belas é belo e bom para a vida. O humano alimenta-se de aparências e extrai delas um sentido ético. Tendo o mito uma função religiosa o profissional de Ensino Religioso tem que estar atento a sua importância a fim de não propiciar algum tipo de proselitismo ou discriminação.

O mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas, significa então: um corpo de narrativas que contam o que se passou nos tempos primordiais, sendo portanto, sagradas e verdadeiras; referem-se sempre a uma criação, isto é, à origem de algo (um fenômeno da natureza, uma instituição, um modo de fazer algo, etc.); é um tipo de saber vivenciado, isto é, efetuado ritualmente e que tem um efeito prático, operatório, tem uma eficácia social.

A partir da definição sobre mito de Eliade, torna-se mais compreensível o balizamento entre interpretação e decifração. A interpretação me parece ser propriedade de um discurso que supõe conhecimentos, *a priori*, supostamente encobertos pelo invólucro de um outro discurso. Voltamos, pois, à condição de que, sob o olhar metafísico, os mitos são alegorias que querem dizer uma outra coisa. De outro lado, o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação

do mundo. Mito é, por conseguinte, a *parole*, a palavra "revelada", o dito. E, desse modo, se o mito pode se exprimir ao nível da linguagem, "ele é, antes de tudo, uma palavra que circunscreve e fixa um acontecimento". "O mito é sentido e vivido antes de ser inteligido e formulado. Mito é a palavra, a imagem, o gesto, que circunscreve o acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança, antes de fixar-se como narrativa".

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se. E, como afirma Roland Barthes, o mito não pode, conseqüentemente, "ser um objeto, um conceito ou uma idéia: ele é um modo de significação, uma forma". Assim, não se há de definir o mito "pelo objeto de sua mensagem, mas pelo modo como a profere". "O mito designa uma história verdadeira e, ademais, preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo".(Eliade: 1988, 7).

Através do rito, o homem se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens. A ação ritual realiza no imediato uma transcendência vivida. O rito toma, nesse caso, "o sentido de uma ação essencial e primordial através da referência que se estabelece do profano ao sagrado". Em resumo: o rito é a práxis do mito. É o mito em ação. O mito rememora, o rito comemora. O rito pode ser religioso ou não, sagrado ou profano, porem deve ser sempre respeitado, podemos começar esse respeito a diversidade a partir das aulas de Ensino Religioso.

Rememorando os mitos, reatualizando-os, renovando-os por meio de certos rituais, o homem torna-se apto a repetir o que os deuses e os heróis fizeram "nas origens", porque conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. "E o rito pelo qual se exprime (o mito) reatualiza aquilo que é ritualizado: re-criação, queda, redenção". E conhecer a origem das coisas - de um objeto, de um nome, de um animal ou planta - "equivale a adquirir sobre as mesmas um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-las, multiplicá-las ou reproduzi-las à vontade". Esse retorno às origens, por meio do rito, é de suma importância, porque "voltar às origens é readquirir as forças que jorraram nessas mesmas origens". Não é em vão que na Idade Média muitos cronistas começavam suas

histórias com a origem do mundo. A finalidade era recuperar o tempo forte, o tempo primordial e as bênçãos que jorraram *illo tempore*.

O rito, que é o aspecto litúrgico do mito, transforma a palavra em *verbo*, sem o que ela é apenas *lenda*, "legenda", o que deve ser lido e não mais proferido. Além do mais, o rito, reiterando o mito, aponta o caminho, oferece um modelo exemplar, colocando o homem na contemporaneidade do sagrado. É o que nos diz, com sua autoridade, Mircea Eliade: "Um objeto ou um ato não se tornam reais, a não ser na medida em que repetem um arquétipo. Assim a realidade se adquire exclusivamente pela repetição ou participação; tudo que não possui um modelo exemplar é vazio de sentido, isto é, carece de realidade". Percebemos diante da afirmação acima a importância de respeitarmos o mito tendo em vista o seu simbolismo religioso e cultural, assim o Ensino Religioso contribui nesta valorização.

À idéia de reiteração prende-se a idéia de *tempo*. O mundo transcendente dos deuses e heróis é religiosamente acessível e reatualizado, exatamente porque o homem das culturas primitivas não aceita a irreversibilidade do tempo: o rito abole o tempo profano, cronológico, é linear e, por isso mesmo, irreversível (pode-se "comemorar" uma data histórica, mas não fazê-la voltar no tempo), o tempo mítico, ritualizado, é circular, voltando sempre sobre si mesmo. É precisamente essa reversibilidade que liberta o homem do peso do tempo morto, dando-lhe a segurança de que ele é capaz de abolir o passado, de recomeçar sua vida e recriar seu mundo. O profano é tempo da vida; o sagrado, o "tempo" da eternidade.

A "consciência mítica", embora rejeitada no mundo moderno, ainda está viva e atuante nas civilizações denominadas primitivas. O mito, quando estudado ao vivo, não é uma explicação destinada a satisfazer a uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade primeira, que satisfaz as profundas necessidades religiosas, aspirações morais, as pressões e os imperativos de ordem social e mesmo as exigências práticas. Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, exalta e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é, absolutamente, uma teoria

abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática.

A certeza de um novo começo, esse recomeço pode ser entendido como a replica do começo absoluto, ou seja simbolicamente tal fato é a própria cosmogonia revivida. Também é apresentado a idéia de domínio sobre as coisas, a fim de que estas coisas reapareçam no futuro, ou seja há um sentimento de esperança do ser humano de que o mundo estará sempre vivo, apesar de ser aceito a sua degeneração e de ser consumido. Este seria o grande motivo pelo qual ele deve ser simbolicamente recriado todos os anos. Através do rito, o homem se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens. A ação ritual realiza no imediato uma transcendência vivida.

O ser humano possui a grande capacidade de “voltar atrás” fato que se deve a compreensão do ser humano sobre o si mesmo e também para a sua cura. Tal fato somado com a esperança de renovação do mundo que é realizada mediante a repetição da cosmogonia fica fácil compreender o objetivo principal do “voltar atrás”, que é a possibilidade de renovar e regenerar a existência daquele que a empreende. Em outras palavras esta técnica seria como um segundo nascimento, um ritual que simbolizaria a regressão do universo ao estado “caótico”. Os mitos e ritos iniciatórios colocam em evidencia a idéia do retorno a origem, retorno ao embrião, objetivando um novo nascimento, um nascimento espiritual, tem portanto um objetivo terapêutico.

Para o pensamento Indiano, o sofrimento baseia-se e é indefinidamente prolongado no mundo pelo Karma, pela temporalidade, esse eterno retorno a existência, ou seja, ao sofrimento pode ser considerado como uma um modo de evoluir ou ate mesmo de voltar atrás e conhecer as próprias existências anteriores. Libertar-se desse ciclo Kármico equivale a cura segundo Buda e também equivale a transcender a própria condição humana.

Segundo Eliade, para curar-se a obra do tempo, é preciso “voltar atrás” e chegar ao “principio do mundo”, retornando assim a origem, ou seja, observamos novamente a repetição do mito cosmogônico, que tinha como objetivo a abolição do tempo decorrido e o reinicio de uma nova existência.

A memória desempenha um papel fundamental, através da rememoração, da anamnesis, há uma libertação da obra do tempo. É essencial recordar os acontecimentos passados, a fim de conhecer a sua origem e a sua história para poder dominá-la, assim é

necessário percorrer o tempo na direção contrária através da memória. É importante reviver continuamente as crises e as tragédias de seu passado mítico. Essa memorização dos acontecimentos do passado ajudara o ser humano a liberta-se dos condicionamentos Kármicos do presente herdados do seu passado.

À idéia de reiteração prende-se a idéia de *tempo*. O mundo transcendente dos deuses e heróis é religiosamente acessível e reatualizado, o tempo mítico, ritualizado, é circular, voltando sempre sobre si mesmo. É precisamente essa reversibilidade que liberta o homem do peso do tempo morto, dando-lhe a segurança de que ele é capaz de abolir o passado, de recomeçar sua vida e recriar seu mundo.

Um das funções dos mitos é a explicação ou a tentativa de explicar a questão da mortalidade do ser humano, tal como e por que ele foi constituído dessa maneira. Um dos mitos apresenta a idéia de que o ser humano é mortal devido a um Ancestral mítico ter perdido a imortalidade ou ainda porque um Ente Sobrenatural decidiu privá-lo da imortalidade. Mas o essencial não é a imortalidade, o essencial seria a sua alteridade, a religiosidade, a transcendência, em fim cada religião tem uma definição própria sobre a questão de essência.

Acredita-se que esse Ente Supremo, Deus Otiosus foi quem criou o ser humano e o mundo, mas este veio a habitar o Céu, quem esta no Céu é eterno, onisciente, todo poderoso. Este Deus vive isolado do ser humano, é indiferente as questões do mundo. Deus ai se encontra afastado do ser humano, esta em silencio. As preces a ele são dirigida em caso de enfermidade. Mas este Ente Supremo é lembrado constantemente, há uma receio, medo por parte dos povos. Existem ainda os deuses que desapareceram da superfície da terra, pois foram mortos pelos homens, porem esta morte é uma morte criadora, ou seja, algo importante surge em seguida para o ser humano que é posteriormente revivido através de rituais iniciatórios acabam reatualizado a morte, onde a lembrança principal é a própria morte do ser humano, o que o torna igual a esses deuses.

Os sacrifícios humanos ou de animais é tido como uma revivencia ou rememoração do assassino primordial. Estes sacrifícios não são tidos como crime e sim como parte necessária de um rito. As festas religiosas são festas rememorativas. Apresentam que a mortalidade é inseparável da procriação. Existe ainda a transposição ou transfiguração dos deuses para a natureza.

No aspecto estrutural todos os mitos são tidos como mitos de origem, nos revelam a origem da condição atual do ser humano, dos comportamentos humanos, da morte, da religiosidade e do universo num todo. Porém este aspecto estrutural tem duas ramificações, a histórica e a Ontológica. A existência pode ser vista e entendida como o mundo veio a existir, pela ontologia, mas também pode ser visto e entendido pelo ponto de vista histórico, tal como o mundo e o ser humano fizeram sua história junto aos seus Ancestrais, independente de surgido ou não dos Entes.

CONCLUSÃO

É preciso que o profissional de Ensino Religioso esteja atento a importância de estudar e compreender os Mitos e a Mitologia, assim como o seu processo, sua origem, sua estrutura, sua finalidade, pois estes estudos podem em muito contribuir nas aulas de Ensino Religioso assim como pra sua formação pessoal, docente e cultural

Os mitos estão presentes em varias culturas e tradições Religiosas sendo necessário uma leitura histórica, antropológica, sociológica e filosófica, assim sendo só o senso comum não basta, é preciso analisar os mitos em sua conjuntura. Apresentei neste pequeno artigo uma breve conceituação do que é Mito, porém esta conceituação é breve e pouco aprofundada precisando ainda de mais estudos e leituras sobre o tema.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

- BURKET, Walter. *Mito e mitologia*. Edições 70, Lisboa, 1991.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. Perspectiva, São Paulo, 1972.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Perspectiva, São Paulo, 1972.
- _____. *O mito do eterno retorno*. Edições 70, Lisboa, 1988.
- _____. *Aspectos do mito*. Edições 70, Lisboa, 1989.
- _____. *O sagrado e o profano*. Martins Fontes, São Paulo, 2001.
- FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. *Ensino Religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FONAPER. *PCN – Ensino Religioso*. São Paulo, SP: Ave Maria, 1997, 63 p.
- GRUEN, Wolfgang. *O Ensino Religioso na escola*. Petrópolis: Vozes, 1995, 162 pp.